

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



EDUCAÇÃO:
SOCIEDADE CIVIL, ESTADO
E POLÍTICAS EDUCACIONAIS
7



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 7
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-774-1

DOI 10.22533/at.ed.741212701

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ENSINO REMOTO: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE DO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Iraneide Nascimento dos Santos

Isabela Nascimento dos Santos

Priscilla Vasconcelos Aguiar

Danielle Alessandra Souza de Holanda Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.7412127011

CAPÍTULO 2..... 12

INTERFACES DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE MUDANÇAS CONSTANTES

Evandro Roque Rojahn

Júlio César Pinheiro do Nascimento

Roney Ricardo Cozzer

Samuel Cândido Henrique

DOI 10.22533/at.ed.7412127012

CAPÍTULO 3..... 24

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E VALORIZAÇÃO DOCENTE NO BRASIL

Maria da Conceição de Moura Silva

Viviani Fernanda Hojas

Renata Cristina Lopes Andrade

DOI 10.22533/at.ed.7412127013

CAPÍTULO 4..... 38

POLÍTICAS EDUCACIONAIS: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO NA VISÃO DE DOCENTES E GESTORES DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Maurilio José Pereira

Adriana Leônidas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.7412127014

CAPÍTULO 5..... 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Wanessa Costa dos Santos

Camila Braga da Conceição

Raianny Oliveira da Silva

Nágila Alves da Silva

Elizete Cambraia Oliveira

Juliene Abreu da Silva

Jucilene Márcia Rameiro de Araújo Cruz

Maria do Carmo dos Santos Silva Ramos

Tatiane da Conceição Silva

Aurineia Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7412127015

CAPÍTULO 6	64
AÇÕES EDUCADORAS ARTICULADAS EM AUTOGESTÃO: DOS VÍNCULOS AOS COLETIVOS DE UMA ESCOLA WALDORF	
Tereza de Magalhães Bredariol	
Rayanne Suim Francisco	
Alexandra Cleopatre Tsallis	
DOI 10.22533/at.ed.7412127016	
CAPÍTULO 7	76
A CONSTRUÇÃO DE CORDÉIS PEDAGÓGICOS: UMA PRÁTICA DE EXTENSÃO EM EVIDÊNCIA PARA PROFESSORES DA CEEJA ATRAVÉS DO PICP	
Marilza Sales Costa	
Maria Luzia do Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7412127017	
CAPÍTULO 8	90
GAMES EDUCATIVOS: DIFERENTES FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	
Gislaine Beretta	
Tatiane Beretta	
Bruna de Oliveira Bortolini	
Juliano Bitencourt Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7412127018	
CAPÍTULO 9	103
AS POLÍTICAS CURRICULARES CONTEMPORÂNEAS E A (RE)ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Elane Luís Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7412127019	
CAPÍTULO 10	121
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO SEGUNDO VIGOTSKI: POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR	
Denis Correa Ferminio	
Thaise de Oliveira	
Vidalcir Ortigara	
Vânia Vitória	
DOI 10.22533/at.ed.74121270110	
CAPÍTULO 11	132
O USO DO LÚDICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Vanessa Cordeiro Hermogenio	
Jocitiel Dias da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.74121270111	
CAPÍTULO 12	143
A INFÂNCIA NEGRA E QUILOMBOLA NA PERSPECTIVA DA LEI 9.394/1996 EM	

ALCÂNTARA – MA

Ricardo Costa de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.74121270112

CAPÍTULO 13..... 154

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NA CRIAÇÃO DO *CAMPUS* DA UECE NO SERTÃO DOS INHAMUNS

João Alcimo Viana Lima

DOI 10.22533/at.ed.74121270113

CAPÍTULO 14..... 166

DESENVOLVIMENTO DA ATITUDE CIENTÍFICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vania Fernandes e Silva

Rosângela Veiga Júlio Ferreira

Ricardo Vicente da Cunha Júnior

Letícia Cunha Reis

DOI 10.22533/at.ed.74121270114

CAPÍTULO 15..... 172

“VELHO” E *NOVO MAIS EDUCAÇÃO*: AJUSTES NA FUNÇÃO DA ESCOLA AFEITOS AO CAPITAL?

Saraa César Mól

Cosme Leonardo Almeida Maciel

Ana Maria Clementino Jesus e Silva

Flávia Silva Martins

DOI 10.22533/at.ed.74121270115

CAPÍTULO 16..... 184

PROPOSTAS DE INSTRUMENTOS MEDIACIONAIS PARA FOMENTAR A QUALIDADE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE DE SALA DE AULA VIRTUAL

Fernanda Maria Furst Signori

Alexsandro Barreto Gois

DOI 10.22533/at.ed.74121270116

CAPÍTULO 17..... 193

SOBRE SINCRONIAS, ENCONTROS E AFETOS – O MUNDO ENQUANTO SALA DE AULA ou A SALA DE AULA É O MUNDO

Angela Zamora Cilento

DOI 10.22533/at.ed.74121270117

CAPÍTULO 18..... 209

O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA: UM DEBATE NECESSÁRIO NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E NO TRABALHO DOCENTE

Douglas Soares Freitas

Manoel Messias Rodrigues Lopes

Suely dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.74121270118

CAPÍTULO 19	225
LET'S SING FOR A MULTICULTURAL EDUCATION	
Juan Rafael Muñoz Muñoz	
Javier González Martín	
DOI 10.22533/at.ed.74121270119	
CAPÍTULO 20	235
OFICINAS DE REFLEXÃO E ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS: INSTRUMENTOS DE PESQUISA NA ABORDAGEM QUALITATIVA NO ÂMBITO EDUCACIONAL	
Rosimeire Ferreira Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.74121270120	
CAPÍTULO 21	244
RECURSOS DIDÁTICOS E A RESSIGNIFICAÇÃO DE CONCEITOS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Givaedina Moreira de Souza	
Cintia Dias de Mattos Toyoshima	
Maria Irene dos Anjos Souza da Silva	
Américo Junior Nunes da Silva	
Ana Maria Porto do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.74121270121	
SOBRE O ORGANIZADOR	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

CAPÍTULO 17

SOBRE SINCRONIAS, ENCONTROS E AFETOS – O MUNDO ENQUANTO SALA DE AULA OU A SALA DE AULA É O MUNDO

Data de aceite: 22/01/2021

Data de submissão: 16/11/2020

Angela Zamora Cilento

Professora de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campus Higienópolis São Paulo, SP, Brasil
https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=5C0CC26CD5055F937B8B72F5B36027B8

Palestra apresentada na Semana de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie de 2018. Artigo publicado nos Anais do 9. Colóquio Internacional de Filosofia e Educação. <http://www.filoeduc.org/9cife/adm/trabalhos/diagramados/TR113.pdf>

“O mundo é tão vazio se pensarmos apenas em montanhas, rios e cidades. Mas conhecer alguém aqui e ali que pensa e sente como nós, e que embora distante, está perto em espírito, eis o que faz da terra um jardim habitado.” GOETHE.

RESUMO: À luz das ideias de Lyotard, Henri Lefebvre e Renato Carmo procuramos trazer o cenário extremamente complexo da contemporaneidade que pode ser compreendido enquanto ‘espaço compósito’ – o que também não esgota as possibilidades de sua interpretação, mas a elucida sem a adoção de uma perspectiva

reduzora. Para Carmo: “O espaço (...) deve ser visto como um campo de tensões no qual os vários segmentos que o constituem tanto colidem como se associam.” (CARMO, 2008). Ora, este campo de tensões que está presente em um certo no espaço, provoca afecções e afetos nos os sujeitos, a tal ponto que somos levados a pesquisar sobre a importância da educação enquanto formadora de valores que contribuam para a construção de uma sociedade civil mais humana e igualitária, bem como nos provoca ao estudo sobre os afetos, em especial das acepções de Nietzsche e Espinosa. Dentro desta perspectiva, se entendermos que a sala de aula é um microcenário deste mundo – campo de tensões que envolvem sujeitos em formação, as assimetrias que são próprias deste espaço devem ser detectadas, compreendidas e trabalhadas a fim de que possam proporcionar encontros alegres. Procuramos discorrer sobre o conceito de espaço compósito aliado às reflexões de Lyotard e Henri Lefebvre sobre a cidade. A seguir, levantamos algumas ideias de Espinosa e Nietzsche sobre as afecções e os afetos, para que, por fim, de posse destes conteúdos possamos criar possibilidades dentro do espaço escolar que configurem a formação de sujeitos cujos valores promovam o respeito à alteridade. São os encontros alegres que aumentam a vontade de vida e “faz da terra um jardim habitado”, nas palavras de Goethe. Neste sentido, o PIBID em nossa Instituição procura tratar do ensino de filosofia por meio da sensibilização estética que, com suas possibilidades de intervenção, tem criado oportunidades para este tipo de encontro.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Compósito, Afetos,

ABSTRACT: In the light of the ideas of Lyotard, Henri Lefebvre and Renato Carmo we seek to bring the extremely complex contemporary scenario that can be understood as a 'composite space' - which also does not exhaust the possibilities of its interpretation, but elucidates it without adopting a perspective reductive. For Carmo: "Space (...) must be seen as a field of tensions in which the various segments that constitute it both collide and associate." (CARMO, 2008). Now, this field of tensions that is present in a certain space, causes affections and affections in the subjects, to the point that we are led to investigate the importance of education as a maker of values that contribute to the construction of a more civil society. human and egalitarian, as well as provokes us to study about affections, especially the meanings of Nietzsche and Espinosa. Within this perspective, if we understand that the classroom is a microcenary of this world - a field of tensions involving subjects in training, the asymmetries that are characteristic of this space must be detected, understood and worked on in order to provide happy encounters. We seek to discuss the concept of composite space combined with the reflections of Lyotard and Henri Lefebvre on the city. Next, we raise some ideas of Espinosa and Nietzsche about the affections and affections, so that, finally, with the possession of these contents we can create possibilities within the school space that configure the formation of subjects whose values promote respect for otherness. These are the happy encounters that increase the will to life and "make the land an inhabited garden", in the words of Goethe. In this sense, PIBID in our institution seeks to address the teaching of philosophy through aesthetic awareness that, with its intervention possibilities, has created opportunities for this type of meeting.

KEYWORDS: Composite Space, Affection, Espinosa, Nietzsche, PIBID.

1 | INTRODUÇÃO

Tempestade. Mas ela não cai só sobre mim. Cai sobre a nação. Cai no planeta que, em chamas, pede socorro. Mundo de famintos e de muitos famintos que se alimentam de mortos vivos. Famílias inteiras desempregadas. Privatizações e fusões. Mudanças nos regimes de trabalho e da própria legislação. Guerras e refugiados. Legitimação da desigualdade crescente e os sobreviventes iludidos acreditam pertencerem à classe dominante, se acreditam invulneráveis à tais mudanças. Mais impostos e cobranças. E a montanha de catástrofes pessoais e coletivas vão crescendo irremediavelmente "até o céu"¹. Tantos choros derramados sobre o travesseiro. Tanta gente perdida e sem chão. Sem lar. Sem colo. O mundo contemporâneo é um mar que desperta paixões tristes e diminui nossa vontade de ser e agir. E é por isso mesmo que precisamos dos bons encontros, de trocas, de podermos ver pelos olhos dos outros: afirmam aquilo que somos, ressignificam o que fomos e potencializam o que ainda podemos ser.

Por isso, a sala de aula é tão importante. Ela serve de modelo e de resgate. Daquilo que se dá na e para além da sala de aula. Mas o que é um encontro, senão novas

1 Em alusão a 9ª tese sobre a Filosofia da História de Walter Benjamin.

possibilidades de constituição de sujeitos? Nosso trabalho objetiva à luz de alguns autores que pensam o mundo contemporâneo e a cidade enquanto inseridos no processo histórico, o que reitera o seu caráter inacabado – em ruptura com a concepção de uma filosofia da história determinista, posto que a Vida pode possibilitar certos encontros.

Talvez, hoje, mais do que nunca é preciso elucidar este processo com a finalidade de permitirem reflexões possam nos levar a pensar em espaços de encontros verdadeiros. A sala de aula continua sendo um espaço privilegiado de formação de na mais ampla acepção da palavra porque envolve as esferas da instrução, dos valores, da cidadania e dos afetos. É um mundo, e para nós, docentes afetados diariamente por tantos corpos também temos o poder afetá-los na tentativa de propiciar encontros alegres: um aumento de potência com vistas à elaboração de novos valores para a vida. Deste modo, nos valemos dos estudos de Nietzsche e Espinosa, na segunda parte deste trabalho para este intento.

Por fim, ao entendermos a sala de aula, enquanto ‘espaço compósito’ – a terceira parte deste trabalho – isto é, um espaço pleno de tensão, o que reitera a ideia de um campo de forças que não é anulado, porém pode ser bem conduzido pelo professor a tal ponto que as afecções que estes corpos provocam uns nos outros despertem afetos e bons encontros que se desdobram em alegria de viver. Para tanto, é preciso que se conheça a natureza do corpo e munido de um conhecimento sobre ele, que ele tenha a percepção aguçada para detectar as assimetrias e hiatos de suas salas de aula. Neste sentido, as experiências que o Programa de Iniciação à Docência – PIBID\CAPES, no subprojeto de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie têm sido exitosas à medida que a cada novo planejamento, se constitui como um desafio – obstáculos a serem transpostos com a excelência de sua formação docente que serve de estímulo criativo para a afirmação de si e de novos arranjos afetuosos que impactam a todos os envolvidos e reverberam para a comunidade.

2 | O MUNDO NA CONTEMPORANEIDADE

Sabemos que nenhuma teoria hoje daria conta de explicitar o mundo contemporâneo, já que se institui enquanto espaço compósito. Para Renato Carmo:

O espaço não é uma mera composição linear a diferentes escalas, mas deve ser visto como um campo de tensões no qual os vários segmentos que o constituem tanto colidem como se associam. Uma dessas tensões é precisamente a que resulta do confronto entre os diferentes tipos de mobilidade e a incessante construção de ‘novas’ espacialidades. (CARMO, 2008, p. 44).

Desta forma, os espaços encerram em última instância sua autenticidade e tendem a ultrapassar largamente o perímetro que circunscrevem e inscreve sua materialidade, são constitutivos da própria globalização. Para Carmo, a vida não pode ser reduzida às

categorias '0' e '1', como procedem os sistemas de informação que são retomados por Lyotard em *O Pós Moderno*. Todavia, essa matriz bidimensional serve de categoria de análise também para Lefebvre, como veremos a seguir. Para Carmo, o vivido é “multidimensional e sua orgânica dificilmente se restringe a uma dicotomia ou uma hierarquização linear” (CARMO, 2008, p.46). Em um mundo em crescente processo de globalização, não é possível compreender uma divisão do espaço em camadas tradicionais de análise (local, regional, nacional e global), mas estas podem servir de categorias com fins didáticos. O autor reitera que o aumento exponencial das mobilidades requer o uso destas categorias, todavia qualquer “espaço remete a um conjunto diferenciado de escalas que extrapolam sua fronteira física”. (CARMO, 2008, p.47). Assim, “os lugares ganharam múltiplas escalas que ora se interligam e ora colidem entre si”. (CARMO, 2008, p. 47). Deste modo, para corroborarmos as ideias de Carmo, apresentamos algumas das ideias de Henry Lefebvre e de Lyotard que verticalizaram nossa compreensão, pois o *Direito à Cidade* e o *Pós-Moderno*, respectivamente ilustram cada um à sua maneira aspectos que não devem ser negligenciados.

Não pretendemos esgotar de modo algum, a densidade de *O Direito à Cidade*, mas apontar as camadas de interpretação sob o viés histórico. Lefebvre entende que o século XVI é o ponto crítico de mutação para a construção da sociedade contemporânea, pois a produção agrícola recua diante da importância da produção artesanal e industrial. Este momento é caracterizado pelo advento da cidade industrial e suas implicações: com partida para a cidade das populações camponesas despojadas e desagregadas: período das grandes concentrações urbanas. (LEFEBVRE, 1969, p.70). A seguir, assiste-se o período de expansão da cidade – produto das periferias distantes (subúrbios). “A cidade se estende desmesuradamente e explode em pedaços”. (LEFEBVRE, 1969, p.70).

Produz-se, então, uma crise mundial da cidade tradicional - uma mutação em escala planetária. Ou seja, o que assistimos é que a “urbanização da sociedade industrializada não acontece sem a explosão daquilo que chamamos de ‘cidade’.” (LEFEBVRE, 1969, p.73) A sociedade urbana se constitui sobre as ruínas da cidade que se faz e refaz continuamente. Neste processo, a cidade se alinha pelos ditames da empresa industrial: figura na planificação como uma engrenagem, torna-se dispositivo material para próprio para se organizar a produção, para controlar a vida quotidiana dos produtores e do consumo dos produtos. A cidade que se constituiu a partir de então revela a produção da miséria mental e social, pobreza da vida quotidiana, a partir do momento em que nada tomou o lugar dos símbolos, das apropriações, dos estilos, dos monumentos, dos tempos e ritmos. Apresenta ao longo do livro, duas ordens: a do próximo e a do distante. A primeira refere-se às relações imediatas: pessoas e grupos que compõem a sociedade (família, corpos organizados, profissões e corporações), relações com a ordem do próximo (indivíduos e grupos, entre grupos) e a do distante (instituições – Igreja, Estado), dotado de poderes. “Esta ordem se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela”

(LEFEBVRE, 1969, p. 47)

A ordem do distante projeta a ordem sensível sobre um plano, o plano da vida imediata, prescreve-a, escreve-a, texto num contexto mais amplo e inapreensível (...) A cidade tem uma “história, obra de uma história, isto é de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.” (LEFEBVRE, 1969, p. 48). “A ordem do distante se projeta na ordem próxima”. (LEFEBVRE, 1969, p. 61). Essa ordem não é unitária (fundo moral, político ou religioso) que “carrega consigo implicações práticas, como o emprego do tempo – hierarquia minuciosa de lugares, dos instantes, das ocupações das pessoas”. (LEFEBVRE, 1969, pg. 61). “A cidade pode ser vista como um Sistema ou vários sistemas ... O que não esgota a realidade prática ou ideológica da cidade.” (LEFEBVRE, 1969, p. 62).

Por seu turno, Lyotard inaugura o conceito de pós-moderno. Este período se caracteriza pela inauguração da cibernética e da informática, pois se descobriu que ‘a fonte de todas as fontes’, chama-se informação, dando origem às sociedades pós-industriais. Os anos 50 inaugurariam essa passagem, tendo em vista que o fator determinante para isso reside na ideia de que o saber muda de estatuto, tomado agora como a “principal força de produção” (LYOTARD, 1986, p.5). A pós-modernidade é marcada pelas teorias da informação que ganham força, e é por isso mesmo que há um crescente interesse em pesquisas associadas à linguagem, bem como no estabelecimento de relações compatíveis entre a linguagem e a máquina informática. Para o pensador, os grandes relatos estão excluídos na pós-modernidade e o que conta são os sistemas: “O sistema não pode funcionar senão reduzindo, por um lado, a complexidade; por outro lado, ele deve suscitar a adaptação das aspirações individuais aos seus próprios fins. A redução da complexidade é exigida pela competência do sistema quanto ao poder.” (LYOTARD, 1986, p.113).

Se tudo na pós-modernidade é traduzido para uma linguagem que possa ser decodificada pelas máquinas, a complexidade de determinadas questões deve ser, necessariamente, tornada superficial a fim de ser absorvida, e aquilo que não pode ser absorvido é descartado. Com o material que foi recolhido, manipulam-se os dados a fim de preservar o poder e o sistema. Para Lyotard, até mesmo os desejos mais individuais são suscitados nos indivíduos a fim de que possam pertencer ao sistema e reproduzi-lo. Portanto, não há subjetividade que esteja ligada aos ideais de autonomia, mas antes se trata de uma ‘produção de consciência’, se assim podemos denominar vinda de fora, do exterior, do sistema – a ideia é a de que há uma ‘fabricação de sujeitos’, pois suas vontades foram incitadas a partir e de dentro do sistema. Outro quesito para a eficácia do sistema é “que é possível dirigir as aspirações individuais por um processo de ‘quase-aprendizagem’, ‘livre de toda a perturbação’, para que fim se tornem compatíveis com as decisões do sistema.” (LYOTARD, 1986, p.113). Ou seja, não basta apenas reduzir, omitir, descartar dados (ou saberes ou sujeitos) para que pertençam ao sistema, mas há um nível aceitável de saber – minimamente ele deve ocorrer, por exemplo, quando se trata do

letramento, mas nem tanto.

Quando transpomos este quesito para a educação - pois há muito ela deixou de ser qualitativa em várias instituições no Brasil, da educação básica à graduação. Percebe-se nitidamente um sucateamento da primeira em especial nas escolas públicas e um ‘nivelamento por baixo’ na outra. É preciso que os indivíduos ‘passem pela escola’, mas poucos se apropriarão do conhecimento. Ora, diante destas considerações podemos perceber que somos afetados pela ordem do distante que atende aos interesses do capital que se revela pela crescente pobreza em escala mundial, pela ‘*vida-nua*²’ nas palavras de Agamben; pela falta de respeito e de tolerância àqueles que se apresentam como diferentes.

Deste modo, o nivelamento por baixo da formação desta população, a torna incapaz de interferir no mundo de forma positiva: todos anseios e desejos são projetados para que tudo possa ser tornar mercadoria, o valor qualitativo das coisas se torna quantitativo, toda a rotina das pessoas está previamente direcionada, organizada e roteirizada. Em outros termos, o que assistimos não pode se apresentar de outra forma senão como um “cenário em ruínas³” que nos afeta profundamente, que pretende impedir transformações, ou minorando suas possibilidades. Todavia, discordamos da concepção de uma história determinista e de caráter teleológico, mas acreditamos que a história – nos valendo das ideias de Walter Benjamin – tem um caráter inacabado.

3 | UM BREVE ESTUDO SOBRE OS AFETOS E AFECÇÕES EM NIETZSCHE NA COMPANHIA DE ESPINOSA

Este cenário um tanto quanto desolador, conforme acabamos de ver, provoca o adoecimento das pessoas – desenraizadas, inseguras quanto ao futuro, conduzidas direta e indiretamente pela ordem do distante. Embora muitas não tenham consciência de todo este processo, seus corpos sentem o peso desta tempestade. Faz-se necessário, não negarmos esta enxurrada de situações tristes, mas trata-se de estudá-las com vistas a encontramos algumas ‘rotas de fuga’ já que as largas saídas ainda nos parecem estreitas demais neste momento.

Encontramos em Nietzsche uma preocupação quanto à necessidade de tipos sadios para que, no futuro, novos valores sejam criados. Propõe a ideia de um “médico filosófico⁴” (NIETZSCHE, 1987, p. 9) que seja capaz de diagnosticar a decadência pessoal e a do outro, para que ambos possam curar-se, pois o médico também não deixa de ser doente. As questões do cotidiano como a “alimentação, lugar, clima, recreação, a inteira casuística do amor próprio⁵” (NIETZSCHE, 1985, p.77) são as primeiras providências a serem tomadas

2 Giorgio Agamben, pensador italiano, cria o conceito de ‘vida-nua’ para explicitar a ideia de que o Estado pode, muitas vezes, deixar de prestar auxílio a alguns grupos humanos, deixando-os à própria sorte.

3 A expressão ‘cenário em ruínas’ se deve à uma alusão à filosofia benjaminiana.

4 Em recomendação às normas internacionais, segue NIETZSCHE, F. Gaia Ciência, prefácio, 2

5 NIETZSCHE, F. Ecce Homo, Por que sou tão sábio, 10

em busca da saúde, a fim de que posteriormente, exista fôlego para as questões de maior porte como a política, a ordem social e a educação⁶. (NIETZSCHE, 1985, p.77). A imagem do médico proposta por Nietzsche não tem o bem-estar como um fim, como apregoam os valores disseminados pelo utilitarismo, mas se trata de encontrar novos valores para o futuro: “Bem-estar, como vós o entendeis – isso nem sequer é um alvo, para nós parecer-nos o fim! Um estado que logo torna os homens ridículos e desprezíveis – que faz desejar que sucumbam⁷.” (NIETZSCHE, 1992, p.131). Segundo OLIVEIRA, “o que está em jogo não é o desprezo completo pela medicação quando o corpo já não consegue dar conta de uma certa enfermidade sozinho, mas a ideia de que a medicalização fragiliza o corpo em suas estratégias de resistência.” (OLIVEIRA, 2007).

Sua investigação está alicerçada em uma *fisiopsicologia*, cuja tarefa é a de transpor os preceitos morais que compreendiam o sujeito como uma unidade. Para o pensador alemão, existem vários processos fisiológicos da *psiqué* que não envolvem a consciência e mais: o corpo não é compreendido como uma unidade, mas como uma multiplicidade de células ávidas por domínio, estabelecendo uma cadeia interminável de hierarquias, na tentativa de não anular, mas subjugar todas as outras.

“Aquilo que normalmente se chama de Eu é apenas o resultado de uma complexa luta de afetos - pensar, sentir, querer, do que emerge dessas relações de domínio e de força entre eles. O Eu é o efeito de uma pluralidade de 'almas' que abriga o homem. Assim, para Nietzsche, não há distinção entre alma e corpo.” (CILENTO, 2011, p. 228).

Deste modo, inevitavelmente Nietzsche denuncia a superficialidade do cógito cartesiano que omite a multiplicidade de forças que atuam em no corpo, o que implica na ideia de que o pensamento consciente é apenas mais um⁸. (NIETZSCHE, 1988, p. 21). Em Nietzsche (e em Espinoza, como veremos a seguir) não há possibilidade alguma de separação entre alma e corpo e aquilo que se manifesta revela os sintomas de saúde ou de doença corporal, conforme explicitaremos a seguir:

A filosofia nietzschiana parte da Vida como critério, compreende-a enquanto vontade de potência e conjugação de pares de opostos: vida\morte, alegria\tristeza, verão\inverno, etc. Ao investigar a origem dos valores por meio do método genealógico, detecta a dupla gênese de valores na origem. Isto é, há culturas que criam valores a partir de uma concepção afirmativa da Vida, compreendem-na como gratuidade – os gregos, enquanto que, outros, concebem-na como expiação, o que somatiza o cansaço e a desvalorização deste mundo e desta vida – niilismo.

Na vida há uma multiplicidade de forças que estão a todo o instante em pleno combate. Umhas forças comandam e outras, obedecem. As forças dominantes são chamadas ativas e as dominadas, reativas. “Ativo e reativo são as qualidades originais que exprimem a reação

6 NIETZSCHE, F. Ecce homo, Por que sou tão sábio, 10

7 NIETZSCHE, F. Para Além de Bem e Mal § 225

8 NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral, I, 2

da força com a força.” (DELEUZE, 1976, p. 33). Apesar de as forças reativas obedecerem, elas não renunciam ao seu poder e acabam estabelecendo tarefas de regulação na vida – tarefas de conservação, adaptação e utilidade. Há que se ressaltar que estas funções reativas são mais facilmente observáveis que as ativas, visto que as reativas se encontram presentes na nutrição, conservação, reprodução, adaptação, no hábito e na memória. As forças ativas escapam à consciência, visto que a grande “atividade principal é inconsciente” (DELEUZE, 1976, p.34). Esta pluralidade de forças implica na luta por mais potência, que se organiza em configurações sempre novas, pois o mundo está em eterno processo, em pleno vir-a-ser, sem qualquer traço teleológico. As forças procuram exercerem-se o *quanto podem*, isto é, pretendem agir sobre todas as outras. A vontade é um complemento necessário à noção de força que Nietzsche batizará de vontade de potência. “Este conceito vitorioso de força, (...) necessita de um complemento: é preciso atribuir-lhe um querer interno que denominarei vontade de potência, isto é, o apetite insaciável de manifestar a potência; ou ainda o uso e o exercício da potência.” (KOSSOVITCH apud Nietzsche, 1979, p. 21). Se tudo o que existe está procurando assimilar, incorporar outros viventes, estes, por seu turno, opõem-lhe resistência. A resistência, ao mesmo tempo que é um obstáculo, serve de estímulo. Em todas as esferas da vida encontramos guerras constantes, sem tréguas ou fim. A luta, o apropriar-se do outro e a própria morte fazem parte da vida, não por escassez, mas por superabundância – por um aumento de potência.

Mais do que um complemento necessário à vida que compreende as noções de força e de vontade de poder, o dionisíaco é o “elemento puramente estético, é o princípio a partir do qual se desenha toda a teoria das forças.” (KOSSOVITCH, 1979, p. 128). O princípio dionisíaco advém da tragédia que faz oposição ao princípio apolíneo. Este é representado pela escultura (beleza, perfeição da forma, imagem plástica, sonho) e pela música (embriaguez, intuição). Eles se unem na tragédia numa indeligiável tensão e promovem uma integração harmoniosa de onde resultam a beleza e a verdade trágicas – por um lado, Apolo é o herói trágico sobre o qual se ‘desdobra’ o fundo dionisíaco do mundo, no que ele tem de horrível, caótico, desmedido, um fundo inesgotável que para exprimir-se, cria imagens cujas formas são temporárias, finitas – o apolíneo.

Apolo é uma ‘sobreposição’, uma máscara que oculta Dioniso que, por sua vez, só pode manifestar-se por meio de formas apolíneas. Tudo o que há, emergiu do Uno primordial e a ele regressa – daí seu caráter múltiplo e plural. E esta é a sua alegria – afirma a inocência da vida – ou seja, não há que se atribuir juízos morais à vida no que concerne à criação e a destruição de todas as coisas, afirmação de sua multiplicidade. O estado de forças aumentado corresponde ao dionisíaco - embriaga e impele ao movimento, desloca e ativa. Exerce um poder libertador que visa extrapolar toda e qualquer limitação, todo e qualquer sentido pré-determinado, recusa todas as barreiras, porque o dionisíaco é a todo o instante a criação de novos valores.

“Tudo nesse estado se enriquece a partir de sua própria plenitude: o que se vê, o que se quer, vê-se dilatado, lapidar, forte, carregado de força. O homem nesse estado muda as coisas até que eles espelhem o seu poder – até serem reflexos de sua perfeição. Este dever transformar em perfeição é arte⁹. (NIETZSCHE, 1985, p.75)

Até aqui, pudemos compreender que o conceito de vontade de potência está associado a todo o ser vivo – composto de uma multiplicidade de células que querem expandir-se o quanto podem e pretender dominar todas as outras. Isso significa que não há em Nietzsche, um estudo detalhado sobre as paixões e afecções como faz Espinosa. Todavia, há uma correspondência e mais, são teorias que de algum modo se completam para o nosso propósito. Sabemos que apesar da distância temporal entre eles, há ‘uma tendência geral’ - aproximações. Esta afirmação pode ser referendada pela carta a Overbeck escrita em 1881, onde declara que ficou “completamente espantado” e “inteiramente encantado”, por ter encontrado “um precursor”, segue afirmando:

“Mal conhecia Espinosa: o ter-me voltado para ele *agora* foi inspiração do ‘instinto’. Não só a sua tendência geral é idêntica a minha - fazer do conhecimento o *afeto mais potente* - como me reencontro em cinco pontos capitais de sua doutrina” (NIETZSCHE, 2007, p. 137).

Espinosa, por seu turno, também rejeita as teorias dualistas, que separam o corpo e a alma, apresentando a ideia que pensamento e extensão são expressões da mesma realidade e potência que vão ao encontro da filosofia de Nietzsche, ou seja, “diz respeito ao solo comum da filosofia da imanência, adotado como referencial pelos dois filósofos tanto para desdobrar a crítica radical às metafísicas da transcendência e ao moralismo filosófico e religioso, quanto para elaborar seus métodos filosóficos inovadores porque partem da questão ‘o que pode o corpo.’” (RAMACIOTTI, 2014, p. 60).

Na *Ética* lemos:

“Com efeito, ninguém até aqui determinou o que o Corpo pode, isto é, a ninguém até aqui a experiência ensinou o que o Corpo pode fazer só pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corpórea, e o que não pode fazer senão determinado pela Mente (...) ninguém sabe de que maneira e por quais meios a Mente move o corpo, nem quantos graus de movimento pode atribuir ao corpo, nem com que rapidez pode movê-lo” (ESPINOSA, 2015, p. 43).

Sem a menor pretensão de abarcar toda a densidade destes autores requerem, nossa proposta de trabalho incide na delineação dos seguintes termos: afeto e afecção. Sabemos que não é tão simples assim esclarecê-los. Podemos dizer que os afetos estão ligados aos sentimentos enquanto que, as afecções estão ligadas ao corpo. Isso significa que as afecções se dão quando do encontro entre os corpos, produzindo os afetos. Nas palavras de Deleuze: “Devemos compreender o conceito de afecto ou afecção e diferenciá-

9 NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de um extemporâneo, 9.

lo de afeto. Os afetos podem ser ditos os sentimentos, se referem mais diretamente ao espírito e indicam uma passagem ou transição de um estado a outro em nós” (DELEUZE, 2002, p. 56).

As afecções são uma “assinatura de um corpo sobre o outro. As afecções são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre o outro quando de um encontro (DELEUZE, 1997, p.156)”. Nas palavras de Espinosa: “Por afeto entendo as afecções do Corpo, pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente, as ideias dessas afecções.” (ESPINOSA, 2015, p.237). Na Ética, Espinosa trata dos afetos considerando-os como eventos naturais dos quais podemos conhecer sua natureza pelo método geométrico. Para ele, o homem não tem um poder absoluto sobre eles, pois sempre está vulnerável às causas externas que o fazem sofrer. Padece, mas isso não significa que é completamente passivo, pelo contrário, se esforça para reagir contra algo (*Conatus*). Em outras palavras, o ser procura conservar-se e perseverar em seu ser, manifestando sua potência. A conservação não é algo distinto do *Conatus*, mas sua própria atividade. Ele pode aumentar ou diminuir em seu ser, de acordo com o que acontece no mundo externo. Por meio da mente e da imaginação, o homem orienta-se na direção de contribuir para o aumento de seu ser. Deste processo resultam três afetos: o desejo (*cupiditas*), a alegria (*laetitia*) e a tristeza (*tristitia*). “Esforçamo-nos para fazer que aconteça tudo o que imaginamos conduzir à Alegria; ao passo que nos esforçamos para afastar ou destruir o que imaginamos opor-se a isso, ou seja, conduzir à Tristeza.” (ESPINOSA, 2015, p. 281). No instante em que é afetado por um estímulo exterior, sente alegria quando sente que se expande em seu ser, caso contrário, sente tristeza. O tempo todo o homem experimenta estes afetos e está submetido à constantes mudanças. Ao imaginar as causas do aumento e diminuição de seu poder, sente amor ou ódio, conforme considere aqueles objetos como causa de alegria ou tristeza. Certamente, procura fugir daquilo que provoca a tristeza já que diminui sua potência.

YONEZAWA ao explicitar a filosofia de Deleuze desdobra os estudos do pensador sobre Espinosa

“Deleuze deixa claro que os afetos-sentimentos podem muito bem ser tidos como um tipo especial de afecção, isto é, os sentimentos estão compreendidos no conjunto das afecções. Contudo, os afetos não se confundem e nem se restringem às afecções. Como nos destaca Deleuze, sem serem elementos de uma compreensão reflexiva ou intelectual, estes afetos são sempre transições, que acontecem quando uma quantidade de realidade se afirma no espírito como força de existir.” (YONEZAWA, 2013, p.52)

O fato é que tanto nas afecções quanto nos afetos, coisa que se processa em meio a outros corpos, há sempre algo que impele ao movimento, pois é padecimento, força e potência: o corpo é sempre posto à prova, exercendo os limites de sua extensão. Interessante notar que em ambos os pensadores encontramos à crítica: a razão não é

concebida como uma substância pensante distinta e oposta à substância extensa. Para Nietzsche, infere que a razão se tornou tirana de todos os outros instintos a partir do fenômeno socrático-platônico e que ela é insuficiente para compreender a Vida – algo que, na ótica da vida, está abaixo da arte e em especial da tragédia. O corpo não é uma unidade, mas uma multiplicidade de células – ou de ‘almas’ que procuram se sobrepor a todas as outras. Enquanto Nietzsche tece o conceito de vontade de poder como o caráter inteligível do mundo e que todo o ser vivo procura se expandir-se “o quanto pode”, a conservação torna-se um elemento secundário. Isto é, o obstáculo serve de estímulo. Esta concepção se alinha em parte a ideia de *Conatus* proposta por Espinosa, pois segundo ele, nosso corpo se direciona para buscar aquilo que promove alegria, intensificando a vontade de viver. Para Nietzsche, a expansão, o ‘ser mais’ é o cerne da vontade de potência, para Espinosa, a conservação faz parte dela, mas não é de caráter secundário. Espinosa alia a possibilidade de afirmação e de conservação do ser com os afetos – alegria e tristeza e estes elementos não aparecem na filosofia nietzschiana, são tidos como paixões já que padecemos destes sentimentos.

A articulação entre as duas filosofias para o que pretendemos aqui é extremamente significativa, pois a expansão do ser promove alegria que se dá no corpo e no encontro com outros corpos.

4 | ENCONTROS E SALA DE AULA – POTENCIALIZANDO AFETOS ALEGRES

Conforme vimos, o conceito de espaço compósito proposto por Carmo corrobora a ideia de que mundo é um espaço de tensão e, portanto, a sala de aula pode ser compreendida em sua diversidade e assimetrias de várias ordens mas que se tocam em um único lugar e no mesmo instante do ‘aqui e agora’, pois a vida não pode ser destituída do pertencimento de certos espaços como o da escola. Todavia, não é possível viver em espaços indiferenciados e totalmente transparentes. Nela, podemos identificar além das figuras tradicionais – a do professor e de seus alunos, os grupos que se formam, as afinidades entre seus membros e de suas relações com os demais. “A sala de aula é tudo menos um espaço indiferenciado e predominantemente neutral. (CARMO, 2008, p.42), pois: “As interações não se desenvolvem uniformemente entre todos os presentes num mesmo contexto espaço-temporal (...) se desenrolam diferentemente no, e em função do espaço que não cessa de produzir incessantemente novas configurações.” (CARMO, 2008, p. 42) (grifos nossos) É no mundo que os corpos se encontram, interagem e afetam-se mutuamente. O mundo da sala de aula está prenhe de leituras a serem realizadas em sua multiplicidade. Corpos que não são redutíveis à uma classificação binária; pelo contrário, são passíveis de serem interpretadas pelo trabalho etnográfico. Os encontros são sempre inesperados, mas devemos evitar a tristeza e a solidão que entorpecem a alegria da existência:

“Não podemos alterar a natureza afetiva de nosso corpo, pois ele afeta e é afetado de muitas maneiras por outros corpos. A cada afecção produzida pelo corpo, nossa mente produz uma ideia. Contudo, esta ideia pode ser adequada ou inadequada, produzindo em nós ação ou paixão. Desde modo, a possibilidade de transformar a passividade em atividade depende do conhecimento adequado do que nos afeta.” (RAMACCIOTTI, 2014, p. 65)

Destarte, uma das grandes lições que podemos depreender de Nietzsche e Espinosa decorre da necessidade de sairmos do estado de ignorância em que nos encontramos, pois não há como vivermos no mundo sem sermos afetados por outros corpos. Todavia, podemos mudar o sentido de nossa relação com aquilo que nos afeta – podemos transmutar a dor em conhecimento, o pesado em leve, o triste em alegre.

O contexto atual nos propõe um mundo triste e um corpo docente triste: são corpos cansados da luta – o desrespeito e o descaso quanto às condições materiais de existência dos professores associado ao estado atual em que se encontram muitas escolas públicas - sem a menor estrutura e infraestrutura para o seu funcionamento, a falta de perspectiva de dias melhores, desmotivam e impedem as intervenções que, coletivas, garantiriam alguns direitos. O corpo docente afeta e é afetado pelo crescente estado de tristeza no qual se encontra, sucumbindo à alta carga horária a que é submetido.

Além disso, não podemos nos esquecer que as disciplinas que podem e poderiam criar espaços de reflexão e de potência como artes, filosofia e sociologia ocupam cada vez mais um menor espaço dentro das matrizes curriculares das escolas – elas não são interessantes, para esta estratégia de implantação neoliberal.

Embora, o contágio pelo cotidiano afete a todos nós, a filosofia se coloca como ‘rota de fuga’ e foco de resistência. Permite, se bem ministrada, o despertar de potências, habilidades e competências, expressando uma força de existir aumentada, que pode doar sentido para a existência. O Programa de Iniciação à Docência – PIBID tem proporcionado inúmeras possibilidades no que concerne à qualidade da educação e quanto à possibilidade de transmutar aquilo que é triste em alegre – todos os envolvidos, os alunos do ensino médio, professores da escola pública (os denominados professores supervisores), a gestão escolar, os licenciandos, os professores da Universidade e a própria comunidade escolar e acadêmica tem sido afetados por novas dinâmicas e configurações com este projeto.

Neste momento, cabe falar do subprojeto de filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie nestes últimos anos, posto que nosso projeto efetivamente tem proporcionado novas luzes tanto no que envolve às afecções quanto ao despertar de afetos, na possibilidade de criação e de planejamento inovadoras que aumentam a vontade de potência, quanto em sua reverberação no próprio curso de licenciatura da Universidade. Estas experiências têm motivado a todos nós, nestas instâncias, pois articula duas disciplinas potencializadoras: a arte e a filosofia.

Nosso subprojeto, desde 2014, trata do ensino de filosofia por meio da sensibilização estética. Os licenciandos junto ao professor supervisor da escola pública parceira planejam

a partir dos conteúdos a serem ministrados dentro de cada bimestre, intervenções artísticas que denotem compreensão daquilo que foi ministrado em filosofia. Foram produzidos nas escolas: pintura em tela, pintura em tecido, esculturas, charges, histórias em quadrinhos, vídeos, roteiro de peças de teatro, peças de teatro, criação de figurinos, intervenções artísticas, poemas em cordel, xilogravuras, etc. Emocionante dizer que alguns alunos de uma certa escola pública, confessaram aos licenciandos quando da aplicação da pintura em tela que nunca haviam pego em um pincel. Outros, na mesma escola, disseram ter ficado ‘encantados’ com a criação de cenários para as peças que foram apresentadas na escola e um deles cotejou a possibilidade de estudar cenografia. Outros, de estudantes do ensino médio, tornaram-se alunos do curso de filosofia desta Instituição. Praticamente todos os professores foram afetados de maneira muito positiva pelo Programa e se apropriaram do método, mesmo depois que havíamos mudado de escola pública parceira. O corpo diretivo destas escolas, ora foi afetado de maneira positiva, ora não – porque os corpos se movimentavam demais nestas aulas.

Os licenciandos têm passado pelo processo de emancipação à medida em que estão vivenciando os bastidores da escola e de sua rotina. Têm aprendido a interpretar cada sala de aula como um mundo no qual é preciso aprender a decifrar. Tem aprendido a lidar com as inúmeras afecções do cotidiano escolar, familiarizando-se com elas, discutindo-as dentro das salas de aula da Universidade, passando da ignorância ao conhecimento. Dentro do espaço acadêmico, os pibidianos tem tido, graças ao apoio incontestável de nossa Instituição, participar de congressos e outros eventos: o que os têm motivado à pesquisa, criação de material didático-pedagógico, escrita de artigos acadêmicos e engajamento, possibilitando sua construção enquanto um sujeito consciente e crítico. Estas experiências tem sido capilarizadas, pois os que se formaram e atuam hoje na área de ensino têm procurado oportunizar estes espaços de criação. Deste modo, alcançamos enquanto

“plano pessoal-biográfico, uma competência de contextualização a partir de conhecimentos filosóficos pode ser muito importante na compreensão de determinadas vivências, sem falar, é claro, da riqueza que o imenso panorama filosófico tem a oferecer como contribuição na tarefa de construir uma (ou reconhecer-se numa) visão do mundo cujos pressupostos busquem fundamentar-se de modo refletido, crítico. (...) Além disso, é possível – como um resultado lateral tanto desejável quanto imprevisível – deixar livre o espaço para mudanças na estrutura afetivo-motivacional, (...) lidar melhor com a complexidade e a pluralidade de discursos, valores e coisas que parecem se amontoar desordenadamente; reconhecer o trabalho social como esforço comum necessário para a construção da vida compartilhada, além de reconhecer a injustiça e a inumanidade na distribuição dos frutos desse esforço histórico coletivo. (MEC p.58\59)

Os impactos do PIBID reverberam pelo Campus nos vários cursos onde o projeto se instalou em nossa Instituição. O curso de licenciatura em filosofia tem se mostrado auspicioso, pois tem se apropriado das potencialidades do ensino de filosofia por meio da

sensibilização estética, criando espaços de discussão, compartilhamento e de pesquisa, o que tem implicado em novas afecções alegres¹⁰.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas considerações partiram da pesquisa sobre o mundo contemporâneo e de que como ele afeta a vida de todos nós na cidade. Depois, buscamos lançar luzes sobre as noções de afecções e de afetos, bem como a necessidade de despertamos encontros alegres.

Por fim, precisamos acreditar que não estamos sós no mundo e que nossos anseios e esperanças não são apenas nossos, mas de muitos outros: ouvimos um ecoar suave que provém de várias partes do mundo que já não toleram tanta opressão e tanta miséria e propõem novas formas de organizar o conhecimento, de lidar com outro, com o trabalho e com a Terra. Formas compartilhadas e não competitivas. A sala de aula, portanto, para nós, docentes e discentes é o mundo – no qual podemos agir e interagir, em busca de afetos que se desenrolem na intersubjetividade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação, Mídia e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso abr\2017.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a Filosofia da História in **Obras Incompletas. Vol1**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985

BARTUSCHAT, Wolfgang. **Espinosa**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CARMO, Renato. **A produção das mobilidades. Redes, Espacialidades e Trajectos**. ICS- Imprensa das Ciências Sociais, 2008.

CILENTO, Angela. A deposição do Sujeito Pensante em F. Nietzsche in **Subjetividade, Filosofia e Cultura**. São Paulo, LiberArs, 2011.

_____. Revista Pandora Brasil n. 66. Os impactos do Pibid na Universidade: uma experiência de criação de material didático. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao66.htm acesso abr\2017

_____. Revista Pandora Brasil n. 68. Os impactos do Pibid na Universidade: uma experiência de criação de material didático. Vol 2. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao68.htm acesso abr\2017

10 Algumas destas produções do curso de licenciatura em Filosofia podem ser apreciadas nas edições da Revista Pandora Brasil, de modo especial, nos números, 66, 68 e 75.

_____. Revista Pandora Brasil n.75. Aprender fazendo: potencializando as habilidades docentes no curso de filosofia. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao75.htm acesso abr\2017.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976. Col. Semeion,

_____. **Espinoza, Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Edusp, 2016

FAVARETTO, Celso. Notas sobre o Ensino de Filosofia. in **A Filosofia e seu Ensino**. São Paulo: Cortez, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed.Graal,1988

KOSSOVITCH, Leon. **Signos e Poderes em Nietzsche**. São Paulo: Editora Ática, 1979

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós- Moderno**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1986

GIACÓIA, Osvaldo. **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

NIETZSCHE, F. (1988). *Sämtliche Werke – Kritische Studienausgabe (KSA)*. Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 15 volumes, Berlim: Walter de Gruyter & Co.

_____. (1986). *Sämtliche Briefe*, Walter de Gruyter, Berlim & Nova Iorque, vol. 6, p.111. Tradução de Homero Santiago, in *Cadernos Espinosanos*, São Paulo-USP, nº XVI, 2007, p.137.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Porto: Edições 70. 1985

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1985

_____. **Para Além de Bem e Mal**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. **Gaia Ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, Marcia Rezende. **Ecce homo, a fisio-psicologia de um tipo**. São Paulo, USP, 2007. Tese de Mestrado em Filosofia.

RAMACCIOTTI, Bárbara. *Espinosa e Nietzsche: conhecimento como afeto ou paixão mais potente?* In **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n.31, p.57-80, jul-dez 2014.

YONEZAWA, Fernando. **O Bailarino dos Afetos: Corporeidade dionisíaca e ética trágica em Deleuze e na companhia de Nietzsche**. São Paulo, USP, 2013. Tese de doutorado em Psicologia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem qualitativa 38, 43, 174, 235, 236, 237

AEE 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Afetos 69, 193, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 208

Alcântara 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153

Alfabetização científica 166, 167, 168

Ambiente de aprendizagem virtual 184

Aprendizagem 1, 2, 5, 6, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 23, 27, 31, 33, 56, 57, 60, 61, 62, 65, 66, 76, 77, 81, 85, 87, 90, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 114, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 167, 170, 176, 177, 178, 179, 182, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 209, 210, 212, 214, 217, 219, 223, 239, 240, 241, 245, 246, 247

Aprendizagem matemática 132, 138

Atitude científica 166, 167, 168, 169, 170

Autogestão 64, 65, 66, 67, 70, 74

C

Capital cultural 209, 214, 221

CECITEC 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

CEEJA 76, 77, 78, 79, 86, 87, 88

Cidadania 41, 65, 79, 85, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 113, 115, 116, 117, 174, 195, 243

Cinema 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Coronavírus 1, 2, 5, 10

Covid-19 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 64, 70, 72, 135

Cultura 6, 7, 10, 15, 27, 42, 48, 53, 54, 69, 74, 80, 84, 85, 101, 104, 105, 112, 115, 116, 118, 119, 128, 139, 145, 149, 150, 151, 152, 157, 163, 168, 171, 177, 178, 185, 206, 209, 212, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 241, 242, 251, 253

D

Desenvolvimento regional 38, 42, 47, 164

Docente 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 47, 49, 51, 52, 58, 60, 61, 76, 84, 87, 98, 101, 109, 111, 118, 130, 136, 140, 142, 170, 176, 181, 183, 195, 204, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 219, 241, 253

E

Educação 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 162, 164, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 193, 198, 199, 204, 206, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 232, 235, 238, 242, 243, 247, 251, 252, 253

Educação em tempo integral 102, 172, 173, 182, 183

Educação especial 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 124, 130

Educação integral 89, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Educação matemática 54, 132, 138, 247, 253

Educação online 184, 185

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 62, 66, 70, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 149, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 174, 176, 178, 179, 180, 182, 185, 188, 189, 190, 193, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 239, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 253

Ensino de ciências 84, 167

Ensino remoto emergencial 1, 3, 4, 10

Ensino técnico 38, 39, 40, 46, 47, 48, 50, 51, 52

Entrevistas 38, 44, 45, 154, 155, 235, 237, 238, 240

Escolas Waldorf 66, 73

Espaço compósito 193, 195, 203

Espinosa 23, 193, 194, 195, 198, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208

Extensão 5, 76, 77, 78, 86, 88, 155, 158, 160, 165, 201, 202

F

Facilitador metodológico 132

Formação de professores 56, 61, 63, 78, 86, 105, 109, 111, 118, 123, 142, 150, 244, 246, 251, 252, 253

G

Games 90, 91, 92, 97, 99, 100, 101, 218

Governança 64, 65, 66, 71, 177

I

Inclusão escolar 57, 63, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130

Infância negra e quilombola 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Instrumentos lúdicos 132

Interação 5, 12, 16, 17, 28, 42, 88, 97, 99, 104, 115, 122, 127, 138, 150, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 216, 219, 226, 248

Interiorização universitária 154, 156, 161

L

LDB 9.394/96 85, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

Legislação educacional 24, 35, 36, 151

M

Mercado 18, 27, 35, 39, 42, 48, 84, 99, 103, 108, 109, 110, 112, 114, 116, 123, 177, 187, 214

Metodologia 3, 53, 54, 58, 63, 68, 80, 82, 90, 130, 135, 136, 140, 141, 167, 189, 209, 216, 235, 236, 239, 240

Metodologia científica 53, 235

Mobilidade acadêmica internacional 38, 40, 48, 51, 52

Mudança 5, 19, 31, 42, 72, 95, 111, 114, 118, 128, 175, 184, 191, 224, 241

Multicultural interaction 225, 227, 229, 230, 231, 232

Musical education 225, 227, 228

N

Nietzsche 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208

Nível de desenvolvimento atual 121, 129

O

Oficinas 70, 76, 235, 237, 239, 240, 241, 242

P

Pandemias 1, 3

PIBID 193, 194, 195, 204, 205, 206, 253

Políticas curriculares 103, 104, 113, 115, 116, 119

Políticas educacionais 6, 24, 25, 34, 35, 36, 38, 79, 109, 116, 119, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 172, 174, 180, 183, 209

Políticas públicas 9, 38, 76, 77, 86, 88, 103, 112, 113, 118, 119, 123, 153, 173, 175, 182, 210, 212, 251

Prática pedagógica 10, 68, 84, 103, 115, 137, 139, 140, 214

Processo dialético 184, 186, 189

Programa Mais Educação 172, 173, 174, 181, 182, 183

Programa Novo Mais Educação 172, 174, 178, 181, 182

R

Recursos didáticos 90, 91, 109, 244, 245, 246, 247, 250, 251

Reformas 20, 35, 80, 103, 104, 113, 114, 115, 116, 118

Relacionamentos interpessoais 184, 188

Ressignificação de conceitos 244, 246

S

Song 225, 227, 228, 229, 230, 231

T

Teletrabalho 1, 2, 3, 4, 9, 10

U

UECE 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165

V

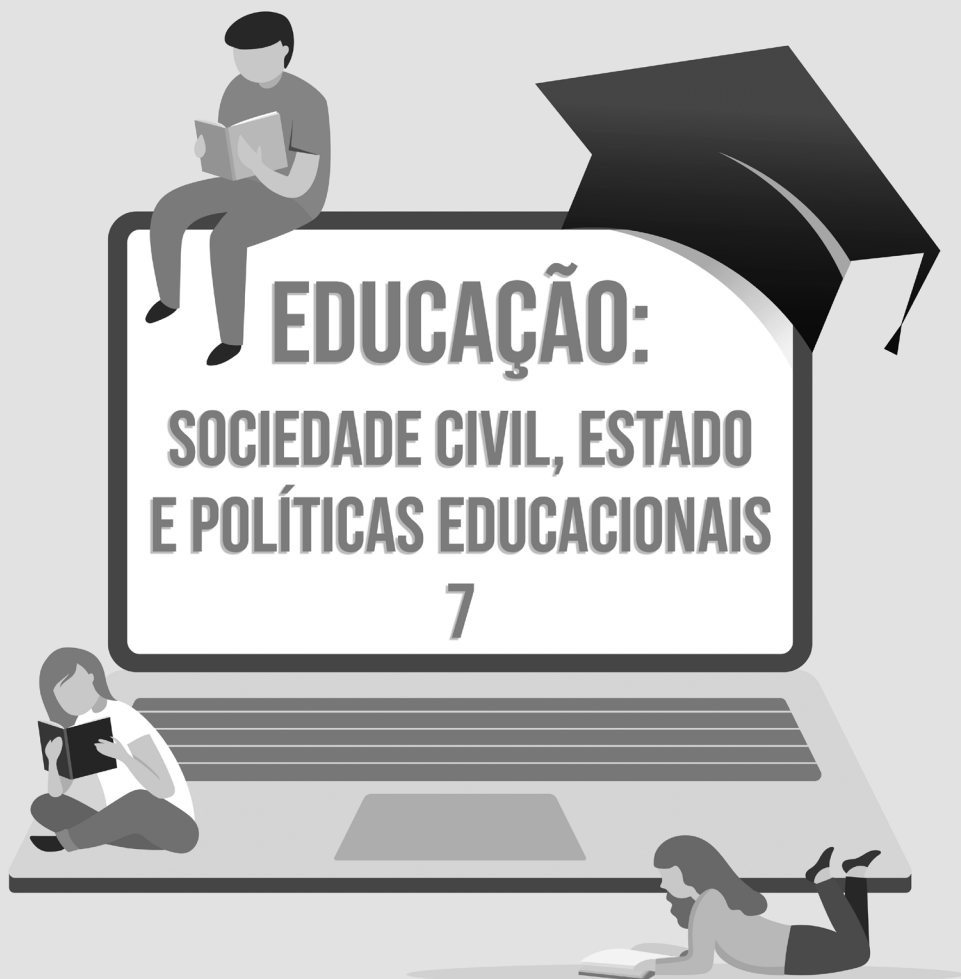
Valorização docente 24, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37

Values and emotions 225

Vínculos 64, 65, 69, 70, 71, 74, 189, 191

Z

Zona de desenvolvimento iminente 121, 122, 127, 129



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021